

SIMPÓSIO AT138

NAS ENTRELINHAS: APRENDIZAGEM INICIAL DA LÍNGUA ESCRITA NA PERSPECTIVA DOS PROJETOS DE LETRAMENTO

COSTA, Andreia Aparecida Suli da
UNESP- Assis
andreiasuli@hotmail.com

Resumo: o presente trabalho apresenta os resultados parciais da pesquisa em andamento desenvolvida com uma turma do segundo ano do ensino fundamental I, do município de Cerqueira César, interior de São Paulo. Partido do pressuposto de que não há uma *receita* que seja capaz de alfabetizar a todas as crianças de igual modo, propusemos, com essa turma, a construção de um projeto de letramento, buscando integrar as especificidades do trabalho com a reflexão sobre o sistema de escrita alfabético às atividades de uso da língua escrita como práticas sociais. Assim, durante a produção de nova versão do Conto Cinderela, foram desenvolvidos jogos de linguagem, bem como atividades que trouxeram diferentes gêneros discursivos para a sala de aula. Os resultados, ainda que parciais, deixam transparecer que, partindo do interesse dos estudantes, é possível integrar um trabalho de alfabetização e letramento significativo e autêntico. Para tanto, a proposta de intervenção aqui descrita está ancorada nos estudos do letramento, tendo como principais referenciais teóricos os trabalhos de Soares (2016) e Kleiman (2000).

Palavras-chave: alfabetização; letramento; aquisição da escrita; projetos de letramento.

Abstract: the present work presents the partial results of the ongoing research developed with a second year of elementary school I, from the city of Cerqueira César, in the interior of São Paulo. Based on the assumption that there is no recipe that is capable of literacy for all children in the same way, we proposed, with this class, the construction of a literacy project, seeking to integrate the specificities of work with reflection on the writing system alphabetical to the activities of the use of written language as social practices. Thus, during the production of a new version of the Cinderella Story, language games and activities were developed that brought different discursive genres to the classroom. The results, even if partial, show that, based on students' interest, it is possible to integrate a literacy and literacy work that is meaningful and authentic. To that end, the intervention proposal described here is anchored in literacy studies, with the main references being the works of Soares (2016) and Kleiman (2000).

Keywords: alphabetization; literacy; acquisition of writing; literacy projects.

Introdução

É possível dizer que a alfabetização no Brasil passou por muitos e diferentes movimentos nas últimas décadas, que implicaram em mudanças não só na maneira de alfabetizar, mas também no modo pelo qual este construto é compreendido socialmente. De práticas tradicionais e mecanicistas, cujo objetivo principal era reproduzir um modelo para memorização, passamos à uma aprendizagem inicial da língua que confia ao texto, inserido em práticas sociais, seu principal arquétipo para a construção do saber.

Na trilha histórica da alfabetização, especialmente no Brasil, muitos e contrários movimentos manifestaram-se na busca de um método que, de fato, fosse capaz de alfabetizar. No entanto, como afirma Soares (2016), não há um *método* que alfabetize, mas sim *métodos*, no plural, porque também são plurais os sujeitos aprendentes. Além disso, o caminho a ser percorrido pelo aprendiz da escrita, na alfabetização, longe de ser um *suave caminho*, é uma árdua construção e desconstrução de hipóteses sobre este objeto de conhecimento: a escrita.

Assim, neste trabalho, procuramos apresentar os resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento com alunos do segundo ano do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Cerqueira César, no interior de São Paulo. Tal pesquisa é parte dos estudos promovidos no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), cujas aulas acontecem no Campus de Assis, da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Por seu caráter profissional, esse mestrado pressupõe a atuação docente e a construção de uma proposta de intervenção que busque atender a uma demanda observada no cotidiano escolar.

Nossa investigação, portanto, parte do pressuposto de que não há uma *receita* para alfabetizar, uma vez que, ao tomarmos a língua como lugar de interação, de identidade e manifestação cultural, entendemos que os sujeitos são únicos e fazem uso da linguagem também de maneira única, dentro do contexto sociocultural ao qual pertencem.

Diante desse prisma, apostamos em um processo de alfabetização como espaço da discursividade, que considere as especificidades do grupo de estudantes e de sua comunidade para propor práticas que dialoguem com as necessidades desta etapa de escolarização, tanto na faceta lingüística quanto nas facetas social e interativa da aprendizagem inicial da língua escrita (SOARES, 2016). Dito em outras palavras, buscamos uma proposta de intervenção que se faça emergir das falas, anseios e inquietações da turma, como um tema gerador, que provoque leituras, escritas, escutas e reflexões sobre a construção do sistema de escrita alfabético e ainda sobre o uso da língua na sociedade em que se inserem, bem como de seu papel e identidade nesta comunidade.

Assim, inicialmente, apresentaremos brevemente os referenciais teóricos que sustentam nossa investigação para, em seguida, descrever a proposta de intervenção que está sendo desenvolvida com a turma de alunos. Por fim, refletiremos nos resultados parciais apresentados até o momento.

1. Breve panorama histórico: em busca de um método para alfabetizar

Como dissemos, nas últimas décadas, a alfabetização tem passado por diferentes momentos e movimentos que buscaram um método ideal para alfabetizar com qualidade. Assim, olhando historicamente, encontramos momentos em que os métodos tradicionais eram privilegiados, mas ainda assim, desvelavam embates entre defensores dos métodos analíticos e sintéticos, entre fônicos e de palavração.

Mais adiante, com a chegada das teorias construtivistas no campo pedagógico, novos embates emergem, ganhando uma polarização entre tradicionais e construtivistas. Acalorando a discussão, em meados de 1980, vemos surgir o Letramento, preocupado com os usos e práticas sociais da língua escrita. E, nos últimos anos, encorajados por resultados de pesquisas que medem o alfabetismo, amplamente divulgados nas mídias, defensores do fônico entram em cena para, novamente, colocar em jogo o movimento

pendular que procura (em vão) uma *receita*, um método que seja capaz de alfabetizar todas as crianças.

Concordamos com Soares (2016) quando afirma que não há um método capaz de solucionar os problemas de alfabetização. Isto porque é preciso considerar que as crianças trazem consigo saberes, vivências e modos de aprender tão diversos que uma só forma seria incapaz de atendê-los da mesma maneira. A proposta da autora, então, é a de que a alfabetização deve comportar *métodos*, no plural, considerando a pluralidade dos envolvidos no processo de alfabetizar: alunos e também professores.

Para além destes embates, Soares (2016) propõe que o processo de aprendizagem inicial da língua escrita considere tanto as especificidades do processo de alfabetização – a faceta linguística, quanto as práticas sociais de uso da língua ou o letramento – as facetas social e interativa. Ou seja, no percurso de aprendizagem a criança necessita tanto da reflexão sobre os mecanismos que envolvem a formação de sílabas, palavras e frases, bem como a relação estabelecida com a pauta sonora, e ainda de como estas palavras e frases organizam-se para formar o texto escrito que circula socialmente por meio dos gêneros discursivos. A linguagem, neste paradigma, é concebida como forma de interação entre os sujeitos.

Assim, podemos pensar a alfabetização como um processo discursivo, que considera as reais necessidades de uso da língua escrita, sem desmerecer o funcionamento do sistema de escrita alfabético, essencial para que se desvele a alfabetização, promovendo uma articulação das facetas. A esse respeito, Morais (2012, p. 79), menciona que

[...] é possível e necessário fazer um ensino sistemático (e prazeroso, reflexivo) das correspondências letra-som nos dois primeiros anos de escolarização, de modo a ajudar nossas crianças a estarem plenamente alfabetizadas.

Promover uma alfabetização pautada na discursividade, na qual o alfabetizar e o letrar estejam integrados, por meio de práticas autênticas e

significativas de uso da linguagem: eis o desafio que se coloca para a aprendizagem inicial da língua escrita.

1.1 Projetos de letramento: uma proposta de alfabetização discursiva

Tendo em vista que o processo de aprendizagem inicial da língua escrita é um construto complexo que abarca muitas especificidades e facetas, em nossa pesquisa nos colocamos diante da seguinte problemática: como promover um processo de alfabetização que considere o funcionamento da língua escrita e as práticas sociais de uso desta língua em contexto significativos? Em outras palavras, como alfabetizar e letrar de maneira lúdica e autêntica?

O caminho teórico-metodológico encontrado para tentar responder a essa questão está ancorado nas premissas dos projetos de letramento (KLEIMAN, 2000) que, por seu caráter dialógico, permite a construção de uma proposta de trabalho que transcende os limites de uma ou de outra faceta.

Por se constituírem vivências autênticas, os projetos de letramento partem de interesses reais da vida dos alunos. Nessa configuração, o professor atua como agente de letramento, uma vez que não se posiciona como detentor do saber, mas sim, como facilitador, colaborando com a turma na organização do projeto. O diálogo, a autonomia e o *empoderamento*, nessa prática, são palavras de ordem e visam à construção coletiva do conhecimento para o bem comum.

Outro ponto que merece destaque, nessa abordagem, diz respeito aos conteúdos curriculares, uma vez que, partindo da vida e interesse dos alunos, tais projetos tendem a romper com as barreiras e amarras exigidas pela organização curricular. Os tempos e espaços escolares, por sua vez, são ressignificados de maneira a atender às demandas dos projetos.

Isto não significa a abolição ou rejeição dos conteúdos programáticos, das prescrições e orientações curriculares. Pelo contrário, reflete a flexibilização dos conteúdos, o direcionamento para o interesse dos aprendizes

e para a aprendizagem significativa. Os conteúdos não se tornam fins em si mesmos, mas parte do processo de ensinar e aprender.

Cabe ainda destacar que, nesses projetos, os gêneros discursivos não são escolhidos *a priori*, elencados ou sistematizados, com enfoque em sua organização textual. Eles *emergem* do processo, na busca pelo saber, da real necessidade comunicativa. Para Kleiman (2000, p. 208),

Se existir algum projeto concreto de interesse dos alunos é possível planejar uma série de atividades que envolvam escrever um texto com uma finalidade específica, que funcionará numa prática também específica, em vez de começar o trabalho focalizando uma forma textual e acabar focalizando a mesma forma, um final inevitável [...].

Dessa forma, os projetos de letramento favorecem a “construção do conhecimento em uma perspectiva que transcenda fronteiras”, que permite reorganizações, uma fluidez de conteúdos e práticas geradas pelo interesse genuíno dos envolvidos no processo (MARQUES, 2016).

2. Nas entrelinhas: uma proposta de intervenção

A proposta de intervenção aqui descrita está sendo desenvolvida com uma turma do segundo ano, de uma escola da Rede Municipal de Cerqueira César, interior de São Paulo. Localizada na zona urbana da cidade, esta escola atende no período vespertino também a crianças oriundas da zona rural, que fazem uso de transporte escolar municipal diariamente.

A sala conta com quatorze crianças, sendo oito moradoras da zona rural. A sondagem diagnóstica inicial revelou que as crianças apresentavam hipóteses de escrita variadas: alfabética, silábico-alfabética, silábica e pré-silábicas. Este resultado indicava a necessidade de um trabalho que promovesse a reflexão sobre o sistema de escrita alfabético para promover e consolidar a alfabetização.

A partir de uma atividade de reescrita coletiva do conto Cinderela, as crianças sugeriram que escrevêssemos uma nova versão, desta vez de uma

Cinderela engraçada, para presentear um dos primeiros anos da escola com o livro produzido pela turma. Assim, partindo de uma planificação coletiva do texto, os alunos, em duplas, escreveram uma nova versão na qual a Cinderela mora em um sítio, assim como parte deles, e recebe uma mensagem sobre uma festa de rodeio em um recinto de festas tradicional da nossa cidade.

Em vez de vestido, nossa Cinderela ganha roupas típicas do universo *country*. Não perde sapatinho de cristal, perde a bota. Só não perde o encantamento e a magia que os contos de fadas proporcionam às crianças nessa idade. A valorização da cultura local está presente em cada frase da história e também nas ilustrações, fruto da colaboração da professora de artes. As vozes das crianças se fizeram ouvir trazendo suas vivências, interesses e protagonismo.

Durante o trabalho, comentários e dúvidas geraram atividades integradas a esta: da discussão sobre o excesso de trabalho da protagonista, por exemplo, chegamos à discussão sobre trabalho infantil, partindo da música *Criança não trabalha*, do grupo Palavra Cantada.

Reportagens, textos informativos, outras versões que propõe intertexto com a obra original, filmes, músicas, videoclipes, dentre outros gêneros foram emergindo das discussões e rodas de conversa, geradas pelo tema central do trabalho que não foi imposto, mas construído junto das crianças, balizado por suas descobertas, seus interesses e necessidades de aprendizagem.

Para trabalhar especificamente com a apropriação do sistema de escrita alfabético, com atenção ao desenvolvimento das habilidades metafonológicas, desenvolvemos e adaptamos alguns jogos de linguagem. Tais jogos partiram do vocabulário trabalhado durante as escritas das versões da história e favoreceram a reflexão sobre a consciência silábica, consciência de rimas, consciência lexical, consciência fonológica e consciência grafofonêmica.

Considerações finais

Talvez uma maneira de superar a dicotomia tradicional *versus* construtivista, instaurada no seio das preocupações com a alfabetização, seja

uma proposta de trabalho que transcenda tais fronteiras. Parece-nos pouco produtiva a ênfase demasiada em uma das duas abordagens: se por um lado os aspectos estruturais da aquisição do sistema de escrita alfabético são importantes (a relação letra-som, as sílabas, os fonemas e os grafemas), por outro, o uso do texto, em contextos sociais autênticos e significativos, é fundamental.

Em outras palavras, integrar as facetas linguística e social/ interativa da aprendizagem inicial da língua escrita pode ser o caminho para chegarmos a uma alfabetização que atenda à pluralidade dos sujeitos.

Por fim, os projetos de letramento favorecem tal integração uma vez que partem de uma relação dialógica de ensino e de aprendizagem, das realidades e culturas locais. Favorecem intersecções com outras mídias e semioses: promovem os letramentos. E abarcam, em sua estrutura multifacetada, todas as vozes, culturas, saberes, sabores, cores, vidas e discursos. Tudo isso, nas entrelinhas da sala de aula...

Referências

KLEIMAN, Ângela Bustos. O processo de aculturação pela escrita: ensino de forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A.B.; SIGNORINI, I. **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos. A formação do professor de língua portuguesa: projetos de letramento, agência e empoderamento. In: KLEIMAN, A.; ASSIS, J. A. (Orgs.): **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016.

MORAIS, Arthur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.